

# Porque o autismo não é uma psicose? Para não combatermos como Dom Quixote.

Por vezes, nos apegamos a termos, que imaginamos ter de defender como se fossem a prova de nossa pureza clínica. Assim acontece com o conceito de psicose infantil, suposto ter raízes na psiquiatria francesa arraigada à psicanálise, até mesmo imaginado como um conceito próprio à psicanálise.

Tal como Dom Quixote, seríamos bem capazes de ir à luta, baseando nossa identidade de analista na defesa desta terminologia, e supostamente fazer frente ao monstro americano das classificações do DSM-5.

O artigo do professor Claude Bursztein, catedrático de psiquiatria infantil em Strasbourg e sumidade mundial no campo do autismo, ao fazer o histórico das terminologias e das classificações, nos permite descobrir como o termo surge no campo da psicanálise inglesa. Aliás, os analistas ingleses atuais, como Anna Alvarez,

Bem mais pragmáticos do que os franceses, não tem dificuldade em reconhecer que as nossas psicoses infantis correspondem ao que os americanos chamam, em suas classificações, de autista não específico. Ele nos ensina também como as classificações vão e vem.

Psicose e autismo: os dois quadros existem, e a riqueza da nosografia clínica psicanalítica consiste exatamente em distingui-los e não em confundi-los. Deixemos este saco de gatos para as classificações americanas. Eis o que faz, com cuidado, o Dr Bernard Touati, membro da Sociedade Psicanalítica de Paris filiada à IPA.

Para nós, lacanianos, porém, há um novo problema: pensamos que, para ter uma leitura psicanalítica do funcionamento de um ser humano é necessário referir-se às três grandes estruturas - Neurose, Psicose ou Perversão. Verdade para nós que tivemos a oportunidade de assistir suas apresentações clínicas no hospital Saint Anne, o ouvimos fazer isto. Ora, como o autismo não cabe nem na perversão nem na neurose, tem de caber na psicose. Trata-se de uma escolha por eliminação.

Claro que Jacques Lacan, como todos os psiquiatras de sua época, utilizava esta classificação. Porém nem todos sabem que ela preexistia a ele e era utilizada por todos, como única disponível. Eu mesma na época não sabia. Pode-se dizer que ela é ante-lacanianiana.

Paralelamente a isto, em seu Seminário, Lacan avançava penosamente sua teoria dos nós, mas na época ninguém, nem ele tampouco, tomou a medida de aspecto revolucionário que poderia ser tomada mais tarde, explodindo estas categorias tradicionais.

Trata-se aí de uma revolução no pensamento de Lacan que nunca pôde constatar pessoalmente onde ela levaria, se aplicada à psicopatologia. Mas esta linguagem introduz uma leitura propriamente lacanianiana das estruturas. Não se trata de criar uma quarta categoria, não há necessidade. A teoria dos nós, ao propor articulações diversa do Real, do Imaginário e do Simbólico nos oferece uma riqueza de possibilidades clínicas insuspeitadas. Eis o que tento defender no artigo sobre os nós e as tranças, partindo da clínica dos bebês.

Mesmo que, essa abordagem demande um pouco mais de cuidado e vagar, compensa. Ela nos permite responder aos desafios da clínica de maneira rica e sutil, seguindo, passo a

passo a história da construção do acidente no bebê e propondo intervenções capazes de modificar talvez o destino dele.

**Marie Christine Laznik**